

**ADEH: confluências globais e devolutas sociais em Santa Catarina***ADEH: global confluences and social devolutes in Santa Catarina*

Luiz Augusto Possamai Borges

[luizaugustopossamai@hotmail.com](mailto:luizaugustopossamai@hotmail.com)

Graduando em História – UFSC / Bolsista PIBIC/CNPq

**Resumo:** O presente trabalho<sup>1</sup> se debruçará sobre a reflexão dos conceitos globalização e identidade sexual. Através desses fios condutores, pretende-se articular a História da trajetória do movimento homossexual organizado no Brasil, entendendo-o como movimento transnacional de gênero. No âmbito macro-espacial, será estudado a conjuntura do primeiro movimento homossexual do Brasil, em 1978, para entender as redes estabelecidas. Na ótica micro-espacial, será analisado o contexto de fundação e as devolutas sociais da Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais (ADEH) em Santa Catarina nos anos 1990 e 2000.

**Palavras-chave:** Movimento Homossexual; Movimento LGBTQI+; Identidade sexual; Globalização.

**Abstract:** The present work will focus on the reflection of the concepts globalization and sexual identity. Through these guiding threads, we intend to articulate the history of trajectory of the homosexual movement organized in Brazil, understanding it as a transnational gender movement. In the macro-spatial context, will be studied the conjuncture of the first homosexual movement in Brazil, in 1978, to understand the established networks. In the micro-spatial perspective, will be analyzed the context of the founding and the social devolutions of Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais (ADEH) in Santa Catarina in the 1990s and 2000s.

**Keywords:** Homosexual movement; LGBTQI + movement; Sexual identity; Globalization.

**Introdução**

“Orgulho Gay’  
(Música de ‘Manhã de Carnaval’)

Manhã tão bonita  
Do dia 28 de junho  
Foi lá em Nova York  
Que os Gays gritaram forte:  
Chega de violência policial

Cansados de tanto apanhar  
Disseram respeitem nosso bar!  
Respeitem as leis  
Polícia, aqui não tem vez!

Lutaram horas fio,  
queimaram até um camburão  
Venceram na luta  
A polícia corrupta

---

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Lacaios, da opressão.

Foi a primeira vez,  
no 28 do seis,  
O DIA DO ORGULHO DOS GAYS”.  
(AEL/Unicamp)

A paródia do Grupo Gay da Bahia (GGB) – em homenagem a memória e a importância social e histórica do bar Stonewall Inn<sup>2</sup> em 1969 para o movimento homossexual - que abre esse artigo, norteia nossas discussões e reflexões que objetivamos a realizar sobre a luta e a transnacionalidade que exerceu o movimento homossexual no mundo ocidental. Através do estudo histórico da utilização política da categoria identidade sexual, entenderemos que milhares de corpos homossexuais vieram a desafiar o *status quo* no mundo ocidental, assim como utilizar do gênero - seu instrumento de luta - no período da ditadura civil militar no Brasil. Os trechos do GGB - grupo fundado em Salvador em 1980<sup>3</sup> - reverberam as lutas e os conflitos de espaços que o movimento homossexual vem construindo em sua história, não só nos Estados Unidos, mas no mundo ocidental como um todo – pensando em sua globalização e sua transnacionalidade nos e dos corpos dissidentes em várias partes do globo.

O artigo se divide em quatro grandes eixos, que se relacionam intrinsecamente. A primeira parte - que servirá como fio condutor do artigo –, se debruçará sobre a compreensão do movimento homossexual – e na *posteriori* de LGBTQI+<sup>4</sup> - enquanto rede ou sistema, apoiado na perspectiva teórica de Maria Irene Ramalho (2002). Por meio do auxílio teórico-metodológico de Ramalho (2002), poderemos entender que o uso político da identidade sexual - em nosso mundo extremamente globalizado – se materializa em lutas transacionais nos corpos marginalizados e/ou dissidentes. A segunda parte, traz a análise macro-espacial sobre a conjuntura de criação do Somos: Grupo de Afirmação Homossexual/SP, em 1978 - sendo o primeiro movimento homossexual organizado do Brasil. A terceira parte, será o estudo do contexto de expansão Somos/SP. A quarta e última parte, será a investigação micro-espacial da conjuntura e das devolutas sociais que a Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais (ADEH) desenvolveu no início de sua trajetória na Grande Florianópolis, em Santa Catarina.

2 O dia 28 de junho de 1969 é um momento simbólico na História do Movimento Homossexual – e na *posteriori* LGBTQI+ - ocidental. Nesse evento - após ondas de repressão higienista e moralizante da polícia nova-iorquina - marca-se uma onda de manifestações em favor de liberdades individuais e de expressão na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos – reverberando em várias partes do globo esse acontecimento (FACCHINI, 2003).

3 MOTT, Luiz. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia In: **História do Movimento LGBT no Brasil /** organização James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Cetano, Marisa Fernandes. 1. ed. – São Paulo: Alameda, 2018.

4 Sigla inclusiva que compreende os movimentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queers e Intersexuais.



Para pormenorizar algumas das políticas públicas da ADEH, foi utilizado fontes de natureza documental para análise - como reportagens e iconografias publicadas no Jornal Diário Catarinense entre 1992 e 1993 sobre o grupo – obtidas e preservadas na Biblioteca Pública de Santa Catarina. O intuito do artigo não é se ater na análise do discurso jornalístico ou na estigmatização pejorativa que a mídia construiu sobre a comunidade homossexual naquela época, mas sim estudar a concretude das ações afirmativas a ADEH exerceu no início de sua trajetória.

### **A identidade sexual como política e a cartografia do poder**

Autores - como Boa Ventura de Sousa Santos (2002) - têm contribuído para entendermos a dinamicidade das relações de poder intrínsecas na globalização. Segundo Santos (2002), globalização é um movimento complexo e dinâmico, que tanto pode ser hegemônico ou contra hegemônico, movido por interações transnacionais que influenciam e agem nos âmbitos econômicos, sociais, políticos e culturais<sup>5</sup>. Contra hegemonia, segundo a linha teórica de Gramsci (1987) e Santos (2002), nas palavras de Isabella Gonçalves Miranda e Fábio André Diniz Merladet (2012), pode ser pensada como uma corrente que:

[...] coloca em questão o conteúdo democrático e social do contrato social subjacente aos Estados nacionais modernos. Segundo eles [Gramsci e Santos], tais formatos políticos foram incapazes de gerar sociedades mais livres e igualitárias, pois haviam abandonado os ideais de soberania do povo e a participação popular em nome de um modelo elitista assentado exclusivamente na representação baseada no voto esporádico<sup>6</sup>.

Dentro dessa lógica das demandas e dos conflitos sociais existentes na contemporaneidade - sendo articulados pela contra hegemonia e pela globalização -, compreendemos que a dinâmica do movimento homossexual no Brasil, e conseqüentemente em Santa Catarina, nos corpos dissidentes se dá de forma transnacional. Ramalho (2002), chama atenção no caráter que a globalização e a identidade sexual vêm tomando nos últimos tempos, haja vista os conflitos e demandas sociais existentes numa sociedade heteropatriarcal hegemônica. Em suas palavras, globalização dentro da perspectiva de Santos, pode ser compreendida

---

5 SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Globalização: Fatalidade ou Utopia?** 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

6 MIRANDA e MERLADET, 2012, p. 8.



[...] desde os sistemas de produção e das transferências financeiras, à disseminação, a uma escala mundial, de informação e imagens através dos meios de comunicação social ou às deslocações em massa de pessoas, quer como turistas, quer como trabalhadores migrantes ou refugiados<sup>7</sup>.

Através de Santos e Ramalho, compreendemos que a globalização se dá em vários níveis da vida social, e que há disputas espaciais – tanto de relações de poder, quanto de subjetividades – materializadas nos corpos – sendo desenvolvidas no tempo e no espaço. Autores como o geógrafo Brian Harley (2009) contribuíram para uma visão mais profunda<sup>8</sup> do espaço geográfico e dos discursos de poder nos mapas. De acordo com Harley, a iconografia cartográfica pertence à família de fontes imagéticas com maior carga de juízo de valor. Para Harley (2009), os mapas não devem ser percebidos como paisagens morfológicas ou imagens passivas do mundo, sendo símbolos e linguagens ligadas a práticas históricas e a um mundo socialmente construído<sup>9</sup>. Em suas palavras, “os mapas nunca são imagens isentas de juízo de valor e, salvo no sentido euclidiano mais estrito, eles não são por eles mesmos nem verdadeiros nem falsos”<sup>10</sup>. Para o geógrafo inglês, os mapas são reflexos de uma relação dialética entre pictografia e poder<sup>11</sup>. Portanto, o espaço geográfico e o poder – ou uma cartografia do poder – são fundamentais para entender as relações e as disputas de poder que são travadas e desenhadas espacialmente – materializadas pelos corpos dissidentes e pelos corpos que controlam o espaço.

Autores como Michel Foucault (1985) e Maria Irene Ramalho (2002) investigam a ligação entre poder e identidade sexual. Segundo Ramalho (2002), a consciência e o empoderamento da identidade sexual é historicamente situada, oscilando nas questões políticas, científicas e culturais. Ramalho (2002) pontua que, na questão do poder, a identidade sexual se faz necessária para compreendermos as lutas contra desigualdades e opressões<sup>12</sup>. Conforme pontua Ramalho, apoiada em Stuart Hall, “quem usa a identidade é só quem precisa dela”<sup>13</sup>. Ou como afirma Gayatri Chakravorty Spivak, “a identidade é o resultado da nossa própria tentativa de nos darmos sentido”<sup>14</sup>. Ramalho, discute que o inverso disso, por excelência, seria os homens

---

7 RAMALHO, 2002, p. 525.

8 “O termo ‘profundo’ remete à expressão ‘descrição profunda’ utilizada pelo antropólogo americano Clifford Geertz para exprimir a idéia segundo a qual as descrições cuidadosas e muito detalhadas são indispensáveis para explicar cultura diferentes das suas” (HARLEY, 2009, p. 23).

9 HARLEY, 2009, p. 3.

10 HARLEY, 2009, p. 1.

11 HARLEY, 2009, p. 4.

12 RAMALHO, Maria Irene. A sogra de Rute ou intersexualidades. In: SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Globalização: Fatalidade ou Utopia?** 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002. p. 528.

13 HALL, 1996 apud RAMALHO, 2002, p. 528.

14 SPIVAK, 1993, p. 179 apud RAMALHO, 2002, p. 527.



heterossexuais, pois os mesmos não precisam disso, tendo em vista que eles são o sexo-que-é. Entretanto, mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou intersexuais continuam a se redefinir, tendo em conta que suas relações de opressões são históricas e estruturais e, que por meio da consciência e do empoderamento de sua identidade sexual, lutam por suas reivindicações e desigualdades específicas. Segundo Ramalho, o que importa é a necessidade dos anseios emancipatórios de todos esses sujeitos, que não se identificam com o sexo-que-é<sup>15</sup>.

### Contexto de emergência do Somos

A História do movimento homossexual<sup>16</sup> organizado no Brasil começou a se estruturar, segundo Trevisan (1986), Fachinni (2003), Green (2015), Okita (2015), Fernandes (2018), MacRae (2018) e outros, a partir da segunda metade da década de 1970 - num primeiro momento - espacialmente centralizada no eixo São Paulo e Rio de Janeiro. Não somente o movimento homossexual começou a se manifestar nesse momento, mas outros movimentos sociais - como o movimento feminista, de mulheres, negro, indígena, dos trabalhadores/as e outros - começaram a lutar por seu poder de fala, cidadania e visibilidade<sup>17</sup>. Esses grupos, ou também chamados “movimentos minoritários”<sup>18</sup>, começaram a contestar valores na ditadura civil militar no Brasil<sup>19</sup>.

Para entendermos o atraso do movimento homossexual no Brasil e em Santa Catarina, em compartida dos Estados Unidos e Europa, devemos estar cientes da magnitude da repressão a manifestações de caráter político e cultural que o golpe de 1964 exerceu em caráter nacional – sobretudo após o AI-5 em 1968. Entretanto, a repressão não exerceu um poder de forma constante durante suas duas décadas vigentes. A censura, portanto, teve várias fazes e intensidades.<sup>20</sup> De acordo com Green (2015), num primeiro momento, mesmo com o Ditadura

15 RAMALHO, 2002, p. 527.

16 Nas palavras da socióloga Regina Fachinni (2003, p. 84): o termo “movimento homossexual” é construído através do “conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento”.

17 FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 25, p.105-115, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

18 A noção de “movimentos de minorias” está embasada em MacRae (2018, p. 99) que, analisa os movimentos negro e feminista como duas categorias que, apesar de no Brasil, haver mais mulheres do que homens e que descendentes negros são mais numerosos frente aos brancos, os mesmos são considerados grupos minoritários, tendo em vista que a sua minoridade está entrelaçada com as relações de discriminação sistemática e pelas lutas históricas de resistência e luta de direitos que os mesmos exercem.

19 MACRAE, 2018, p. 99.

20 SOUZA, 2013, p. 51 apud SOARES 1999.



Militar entre os anos 1965 a 1968, alguns setores da sociedade brasileira conseguiram beber da influência de movimentos de contracultura, havendo assim, mudanças no comportamento e na cultura da juventude.

Durante os chamados anos de “chumbo” - ou do “sufoco”, como usado por Fry e MacRae (1991) -, a contestação permanecia confinada a pequenos grupos. Com o abrandamento da censura e repressão na “abertura política”, o final da década de 1970 no Brasil apresentava os primeiros sinais de esperança para diversos movimentos sociais ressurgirem. Após os longos anos de chumbo e das arbitrariedades sanguinárias exercidas pelo Estado no pós-1964, a sociedade civil começou a ressurgir politicamente com manifestações desenvolvidas por vários setores insatisfeitos com o cenário de repressão<sup>21</sup>.

Este final da década de 1970 no Brasil, para o movimento de gays e lésbicas, é marcado também pelo início da tomada de consciência do movimento homossexual. Diferentemente de outros lugares como os Estados Unidos ou a Europa, que a contestação dos valores da sociedade burguesa explodiu na segunda metade dos anos 1960, no Brasil, entretanto, somente nos fins de 1970 esse paradigma foi possível<sup>22</sup> –, claro que com seus devidos limites espaciais e de representação devido a ditadura. De acordo com Facchini (2003), o movimento homossexual começa a se estruturar no final dos anos 1970 e começo dos 1980, dentro do contexto do final do regime militar e da chamada “abertura” política.<sup>23</sup> Não só os homossexuais começaram a construir suas agências nesse período, mas feministas, mulheres, negros/as, indígenas, intelectuais, artistas, jornalistas, escritores, movimentos estudantis e esquerdas, passaram a lutar e se organizar nos anos 1970. No âmbito da revolução comportamental dos anos 1960, jovens e mulheres, começaram a lutar em prol de novas formas de ver e exercer a sua sexualidade e comportamento<sup>24</sup>. Segundo Ferrari (2003), muitos movimentos homossexuais do Brasil buscaram ou tiveram influência de outros países como Estados Unidos e Inglaterra. Alguns setores da sociedade começaram a se preocupar mais com o desejo, com a intimidade, com a subversão de valores e comportamentos. Para o movimento homossexual, esse período foi fértil para sua elaboração.<sup>25</sup>

O início do movimento homossexual no Brasil se materializa através da criação do primeiro grupo para discussão da homossexualidade, em 1976, na cidade de São Paulo.

---

21 MACRAE, 2018, p. 93.

22 OKITA, 2015, p. 74-75.

23 FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad. Ael**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 81-125, 2003. Anual. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/viewFile/2510/1920>>. Acesso em: 02 set. 2018.

24 GREEN, 2015, p. 185.

25 FERRARI, 2003, p. 105-106.



Fundando pelo jornalista e intelectual João Silvério Trevisan, depois de seu auto-exílio nos Estados Unidos, o grupo não durou muito, devido a problemas internos.<sup>26</sup> Dois anos depois, em 1978, surge o primeiro movimento social organizado voltado aos direitos homossexuais, chamado inicialmente por Núcleo de Ação pelos Direitos do Homossexual e oficializado por Somos: Grupo de Afirmação Homossexual.<sup>27</sup> As pautas nessa fase inicial tinham um caráter de afirmação da identidade homossexual e de reivindicações de direitos civis e políticos mais igualitários. O movimento desafiava para além da repressão do golpe pré-estabelecido, mas para preceitos estruturais da sociedade brasileira, como o cristianismo e patriarcalismo.<sup>28</sup> Esse primeiro momento do movimento homossexual, é caracterizado, sobretudo, pela expansão do movimento pelo Brasil. O decorrer dos anos 1980, o movimento homossexual defrontou-se com novas problemáticas e períodos políticos. Esta década, segundo Facchini (2003), é marcada pela conjuntura de redemocratização e do surgimento da AIDS.<sup>29</sup> Para além desta nomenclatura científica e médico-jurídica, na época também se falava pejorativamente em “Câncer gay”, “Castigo de Deus” ou “Os leprosos dos anos 80” por setores conservadores e religiosos.<sup>30</sup>

### **Expansão do movimento homossexual no Brasil**

As raízes do movimento homossexual – que origina o movimento LGBTQI+ na contemporaneidade - surgem no Brasil reivindicando projetos de politização do gênero e da sexualidade frente as relações de poder sofridas historicamente por meio da cultura heteropatriarcalista, cristã e médico-jurídico. Segundo Green (2015) e Facchini (2003), os primeiros movimentos homossexuais brasileiros defendiam a retirada de estigmas sociais de “Gueto”. De acordo com Green (2015), gays e lésbicas vinham contestando ao longo dos anos 1950 e 1960 o comportamento e a moralidade pré-estabelecida. O movimento homossexual lutava para desvincular a homossexualidade de estigmas sociais, construindo assim, uma imagem desmistificada da homoafetividade. Tinham como propósito, também, desvinculá-la

26 TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

27 OKITA, 2015.

28 PARKER, Richard G. Normas e perversões. In: **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. PARKER, Richard G. Editora Best Seller, 1991. p. 109.

29 Sigla para se referir a *Acquired Immunodeficiency Syndrome* - AIDS. Em português se chama Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

30 BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; ROSA, Johnny de Moura. “OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, mar. 2018. Trimestral. p. 776 Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3175/12225>>. Acesso em: 20 out. 2018.



do discurso patológico, como vista pelos médicos-jurídico, ou do sentido pecaminoso, como vista pela cristandade<sup>31</sup>.

Autores como Green (2015), Okita (2015) e MacRae (2018) discutem sobre esse período e fundamentam que, por volta de 1974-1975, com o aprofundamento da crise do falido “milagre econômico” brasileiro, abriu-se um determinado espaço para fazer críticas ao sistema. O contexto da efervescência desses movimentos sociais é concomitante com a decadência do regime militar e da chamada “abertura política”. Esse período é marcado, sobretudo, pelo fracasso do “milagre econômico” iniciado - no ano 1973 - com a crise do petróleo, ocasionando altos índices inflação a partir de 1974, e enfraquecendo a legitimidade do regime pelas classes médias. A transição para o regime democrático foi uma medida iniciada pelo ditador Ernesto Geisel (1974-1979) que, segundo sua promessa, o Brasil passaria por uma transição “lenta, gradual e segura” para a normalidade democrática. Seu sucessor, o ditador João Batista Figueiredo (1979-1985), é continuador desse processo de “distensão política”<sup>32</sup>.

Fevereiro de 1979 é um dos momentos chaves para entender a trajetória de lutas e de expansão que o Somos/SP desempenhou em sua história. Nesse mês houve na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo o primeiro debate a respeito de minorias do Brasil, onde o grupo foi ao evento. Para além da importância social que esse debate exerceu no movimento e em sua História, mostrou que o mesmo é interlocutor legítimo na discussão sobre suas problemáticas<sup>33</sup>. Esse debate foi primordial para o crescimento de novos participantes no grupo – como a entrada de mulheres lésbicas<sup>34</sup> - e, sobretudo, pela expansão de outros movimentos sociais organizados em todo Brasil<sup>35</sup>. Nas palavras de Fry e MacRae, em relação a esse episódio: “foi uma experiência catártica que aumentou a confiança dos participantes e deu impulso à formação de outros grupos similares em São Paulo e outras cidades como também vários estados”<sup>36</sup>.

Segundo Ferrari, a medida que a expansão/espacialização do movimento homossexual crescia no Brasil, evidenciava-se uma postura ativa desses sujeitos para com a sua subjetividade, sua cultura e suas demandas específicas<sup>37</sup>. Este paradigma pode ser verificado, também, na grande Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, na virada da década de 1980

---

31 GREEN, 2015, p. 177.

32 GREEN, 2015.

33 GREEN, 2015.

34 FERDANDES, Marisa. Entrevista concedida a Camila Diane Silva. São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, 12/10/2018. Acervo do LEGH/UFSC.

35 FRY; MACRAE, 1991, p. 22-23.

36 FRY; MACRAE, 1991, p. 23.

37 FERRARI, 2003, p. 106.

para 1990 – a partir das demandas e dos conflitos sociais da capital catarinense. Os anos 1980 marcam a trajetória da História do movimento homossexual brasileiro como um todo. Na primeira metade da década, houve a espacialização de grupos organizados para várias unidades da federação – contribuindo para construção redes. Com a explosão da AIDS e da aproximação de movimentos sociais na esfera de poder público – a partir da redemocratização brasileira -, organizações não governamentais (ONG's) começaram a lutar e a atuar em prol políticas públicas. A ADEH como veremos, está dentro dessa concepção de movimento homossexual enquanto ONG.

### **Formação da ADEH em Santa Catarina**

A Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais (ADEH) foi fundada em 1992 - na emergência de organizações voltadas a comunidade homossexual catarinense - na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. A ADEH enquanto ONG, exerceu e ainda exerce políticas públicas em favor da comunidade homossexual – e na contemporaneidade para a comunidade LGBTQI+.

Provisoriamente trabalhando no Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS (GAPA) - no final de 1992 - a associação conseguiu sua oficialização em março de 1993, com a inauguração de sua sede própria. O grupo surge na conjuntura da rápida expansão da AIDS no meio homossexual e da alta homofobia na Grande Florianópolis. O sentido inicial das primeiras/os fundadoras/es do grupo foi a tentativa de oferecer a população homossexual acesso à informação e insumos de prevenção contra a AIDS. Sua fundação se efetivou com a ajuda de militantes do Grupo Arco-Iris de Florianópolis, onde este último, ajudou na organização das primeiras atividades da ADEH<sup>38</sup>.

Segundo estudo recente sobre a conjuntura de criação da ADEH, realizado pelo historiador Igor Henrique Lopes de Queiroz (2013) - chamado de “Entre Mortes, Perseguições e Emergências: A Criação da Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais da Grande Florianópolis através das Páginas Jornalísticas” - mostra que a associação nasce num período de intensa repressão policial, de assassinatos e violências cometidas contra a comunidade

---

38 COSTA, Carolina Rodrigues. **O Movimento de Travestis e Transexuais da Região da Grande Florianópolis: Alternativas para a participação.** 2009. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Centro Sócio-econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/119772/284085.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 set. 2018.

homossexual na Grande Florianópolis, no início dos 1990<sup>39</sup>. Segundo Queiroz, após as arbitrariedades e as violências contra travestis, há uma emergência para um discurso de mobilização política para proteção dos direitos homossexuais<sup>40</sup>. Segundo o presidente da ADEH, só na cidade de Florianópolis, ao menos sete homossexuais foram assassinados durante os anos 1986-1993<sup>41</sup>.

Por meio da análise da reportagem do Diário Catarinense (DC) de 25 de novembro de 1992 podemos entender o início da trajetória e das lutas que a ADEH exerceu em Santa Catarina. O DC, em matéria “Homossexuais querem formar associação” realizada em 1993, entrevistam o líder e futuro presidente da associação Cláudio Orlando dos Santos - mais conhecido por Clô. Nas palavras de Cláudio Orlando dos Santos: “o nosso objetivo é lutar legalmente contra comportamentos lesivos aos direitos humanos de todos os homossexuais. Queremos direitos de ir e vir garantidos e que nos respeitem como seres humanos” (DIÁRIO CATARINENSE, 1993) [BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA]. Nessa conjuntura, a ADEH já estava com a parte administrativa praticamente pronta nesse momento. Entretanto, a mesma funcionou provisoriamente na sede do GAPA até ir para sua sede própria. Em sua sede, a ADEH trabalhou nas áreas de saúde, jurídica e social<sup>42</sup>.

Em reportagem sobre o 1º Encontro Regional Sul de Homossexuais (ERSHO) realizado – em junho de 1993 - e organizado pela ADEH (IMAGEM 1 e 2), o DC nos descreve algumas pautas do evento. Para além da discussão sobre discriminação, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, foram faladas as principais pautas do 7º Encontro Brasileiro de Homossexuais. Outro momento de extrema importância nesse evento, foi a proposta de revisão constitucional para incluir a discriminação de orientação sexual como crime. Tony Reis, presidente da ADEH de Curitiba, defendeu no encontro a inserção de uma cláusula sobre um basta sobre a discriminação dos homossexuais<sup>43</sup>.

Imagem 1: Ativistas no 1º Encontro Regional Sul de Homossexuais (ERSHO) - realizado em junho de 1993

Imagem 2: Presidente da ADEH - Cláudio Orlando dos Santos - discursando no 1º Encontro Regional Sul de Homossexuais (ERSHO)

39 QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. Entre Mortes, Perseguições e Emergências: A Criação da Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais da Grande Florianópolis Através das Páginas Jornalísticas. **Emblemas**, Catalão, Go, v. 10, n. 2, p.167-180, dez. 2013. Semestral. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/29241>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

40 Idem.

41 Em defesa dos direitos – Gays da Capital terão proteção da lei. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jul. 1993, p. 33.

42 Homossexuais querem formar associação. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 25 nov. 1992, p. 27.

43 Homossexuais discutem problemas. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 7 jun. 1993, p. 25.



Fonte: **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 jun. 1993, p. 25.



Fonte: **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 jun. 1993, p. 25.

As iconografias preto e branco do DC rememoram algumas políticas de direitos, de cidadania, de empoderamento e de afetos do movimento homossexual catarinense. A primeira imagem, mostra a felicidade e a união de homossexuais de verem novos horizontes de possibilidades e de expectativas para suas questões e problemáticas durante o 1º ERSHO. Alegria e esperança eram construídas nesse momento, haja vista a dura realidade social e os dados quantitativos registrados da repressão - tanto estatal-policial, quanto da população civil heteropatriarcal - para com as homossexualidades. A segunda imagem mostra o então presidente da ADEH Cláudio Orlando dos Santos - Clô - discursando no 1º ERSHO.

A ADEH teve três grandes momentos em sua trajetória em Santa Catarina. O primeiro, abrange temporalmente a sua fundação, em 1992, até a morte de Clô, em 1996. Clô, era portador do vírus HIV e não resistiu a um espancamento por policiais militares.<sup>44</sup> A segunda fase, pode ser entendida como os três anos após a morte de Clô – 1996 a 1999 -, onde a organização não realizou trabalhos. A terceira, começa no início do século até a atualidade. Nesse último momento, a ADEH está sob nova direção e é reconhecida pela concretude das lutas que desenvolveu no Estado de Santa Catarina<sup>45</sup>. Com o fortalecimento da associação, a mesma conseguiu ajudar na criação de outras seis intuições dentro de Santa Catarina até 2009. Segundo Costa (2009), estavam em funcionamento até esse período os grupos: Sol, de Xanxerê; ATRAVE de Rio do Sul; Gata, de Tubarão e Deusas, de Criciúma<sup>46</sup>. Foi a partir desta e outras devolutas sociais que a ADEH tornou-se reconhecida tanto em cenário estadual, quanto nacional por seu trabalho de prevenção a AIDS e da defesa de direitos a comunidade LGBTQI+ catarinense<sup>47</sup>.

44 COSTA, 2009, p. 37.

45 COSTA, 2009, p. 37-38.

46 COSTA, 2009, p. 38.

47 COSTA, 2009, p. 38.

## Conclusão

Em relação as análises dos movimentos Somos/SP e ADEH/SC, se tentou por meio dessa investigação pormenorizar o sentido conjuntural desses dois movimentos homossexuais organizados, e entender os dois grupos dentro de uma ótica de gênero, de sexualidade, de espaço e de poder - construídos dialeticamente nessa rede de confluências globais.

Para além de mostrar as devolutas sociais dos movimentos, devemos tocar no ponto do caráter da homofobia, que não só acompanha os dois grupos, mas como toda a história do Brasil e do mundo ocidental. O movimento LGBTQI+ brasileiro vem organizando suas lutas desde a sua criação do Somos/SP na ditadura civil militar em 1978. O Somos/SP marcou-se na História como um movimento organizado que lutou para além da filosofia conservadora do regime pré-estabelecido, moldada na “moral e bons costumes” heteropatriarcais, mas no enfrentamento ativo contra toda uma cultura brasileira, construída em bases e arquétipos cristãos e heteropatriarcais conservadores.

Por último, vale pontuar a importância da devoluta social do historiador, quanto ao seu papel de preservação da memória e de investigar setores marginalizados e historicamente oprimidos. A relação entre o campo da memória e História, devem ser vistas como intrínsecas. A importância da dialética entre o campo da História e da memória, como bem diz Lucilia de Almeida Neves Delgado, é sobretudo com a:

[...] busca [de] evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo sendo identidades sempre *em curso*, como afirma Boaventura Santos (1994, p. 127-9), são esteios fundamentais do auto-reconhecimento do homem como sujeito de sua história<sup>48</sup>.

Nas palavras de Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”.<sup>49</sup> Preservar o legado do Somos/SP e da ADEH/SC é um compromisso histórico, que não deve ser esquecido. Deixar na escrita da História é materializar e perpetuar suas memórias de lutas e de devolutas sociais.

## Referências

---

48 DELGADO, 2003, p. 14.

49 CHAUI, 1995, p. 125 *apud* DELGADO, 2003, p. 16.



BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; ROSA, Johnny de Moura. “OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, mar. 2018. Trimestral. p. 776.

COSTA, Carolina Rodrigues. **O Movimento de Travestis e Transexuais da Região da Grande Florianópolis: Alternativas para a participação**. 2009. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Centro Sócio-econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, p.9-25, 2003.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad. Ael**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p.81-125, 2003. Anual.

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 25, p.105-115, abr. 2004. FapUNIFESP (SciELO).

FERREIRA, Guilherme Gomes; AGUINSKY, Beatriz Gershenson. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p.223-233, dez. 2013. Semestral.

FOUCUALT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**; tradução de Maeia Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 7ª Edição.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense S. A., 1991. p. 21.

GREEN, James N.. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p.271-295, 2000. Quadrimestral.

GREEN, James. Capítulo VI O Grupo Somos, A Esquerda e a Resistência à Ditadura; In: **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. James N. Green e Renan Quintana (Org.). Ed.

HARLEY, Brian. “Mapas, saber e poder”. *Confins* [Online], 2009. p. 2

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade** – política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”./ Edward MacRae. - Salvador: EDUFABA, 2018. 377 p.

MIRANDA, Isabella Gonçalves; MERLADET, Fábio André Diniz. Uma apresentação crítica dos conceitos de globalização hegemônica e contra-hegemônica à luz das novas manifestações populares internacionais. *Primeiros Estudos*, São Paulo, n. 3, p.7-24, 2012.



MOTT, Luiz. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia In: **História do Movimento LGBT no Brasil** / organização James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Cetano, Marisa Fernandes. 1. ed. – São Paulo: Alameda, 2018

OKITA, Hiro. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2015. 112 p.

PARKER, Richard G. Normas e perversões. In: **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. PARKER, Richard G. Editora Best Seller, 1991. p. 109.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. Entre Mortes, Perseguições e Emergências: A Criação da Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais da Grande Florianópolis Através das Páginas Jornalísticas. **Emblemas**, Catalão, Go, v. 10, n. 2, p.167-180, dez. 2013. Semestral.

RAMALHO, Maria Irene. A sogra de Rute ou intersexualidades. In: SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Globalização: Fatalidade ou Utopia?** 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002. p. 525-555.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Globalização: Fatalidade ou Utopia?** 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SOUZA, Rafael de. **Saindo do gueto: o Movimento Homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982**. 2013. 138 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TAQUES, Fernando José. **Movimento GLBT em Santa Catarina: A Questão do Empoderamento**. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

TAQUES, Fernando José. Movimento GLBT: considerações necessárias. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p.144-148, ago. 2007. Quadrimestral.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. São Paulo: Max Limonad, 1986.

ZANATTA, Elaine Marques. Documento e identidade: O Movimento Homossexual no Brasil na década de 80. **Cadernos Ael**, Campinas, n. 5/6, p.193-220, 1997. Quadrimestral.

## Fontes

AEL/Unicamp. Pasta: “Grupo Outra Coisa”.

Biblioteca do Estado de Santa Catarina. Em defesa dos direitos – Gays da Capital terão proteção da lei. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 jul. 1993, p. 33.

Biblioteca do Estado de Santa Catarina. Homossexuais querem formar associação. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 25 nov. 1992, p. 27.



Biblioteca do Estado de Santa Catarina. Homossexuais discutem problemas. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 7 jun. 1993, p. 25.

FERNANDES, Marisa. Entrevista concedida a Camila Diane Silva. São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, 12/10/2018. Acervo do LEGH/UFSC.

---

Recebido em 28 de novembro de 2018.

Aceito para publicação em 19 de agosto de 2019.

